

O ASSOCIATIVISMO COMO ALTERNATIVA PARA A GERAÇÃO DE TRABALHO E RENDA

Denise Soares Miguel; Mestre em Educação; Centro de Ciências Humanas e da Educação; Universidade do Estado de Santa Catarina; guel88@hotmail.com

Frank Cardoso Lummertz; Acadêmico do Curso de História; Centro de Ciências Humanas e da Educação; Universidade do Estado de Santa Catarina; frankecoturismo@yahoo.com.br

Resumo

Este artigo apresenta algumas reflexões sobre as atividades realizadas pelo Projeto de Extensão *Uma Comunidade Empreendedora e Cidadã*, na Comunidade Nova Esperança, Bairro Monte Cristo, em Florianópolis/SC, no ano de 2007, quando foram desenvolvidas ações ligadas, principalmente, ao associativismo vinculado ao artesanato comunitário e ao debate sobre tecnologias sociais e economia solidária. O Projeto tem como princípios integrar os/as moradores/as da Comunidade, promover o desenvolvimento sustentável e a inclusão social no sentido de melhorar a qualidade de vida das pessoas envolvidas, gerando trabalho e renda. Como resultado geral das ações proporcionadas pela parceria deste Projeto de Extensão Universitária, Comunidade e Associação dos Moradores concretizou-se um sonho coletivo com a oficialização e fundação, em assembléia geral, da COOPERARTE – Associação das Produtoras de Artesanato da Comunidade Nova Esperança.

Palavras-chave: Economia solidária. Associativismo. Geração de trabalho e renda.

THE ASSOCIATIONS AS ALTERNATIVE TO GENERATION OF WORK AND INCOME

Abstract

This article presents some reflections on the activities conducted by the Project for Extended *One Community and Entrepreneurial Citizen*, the New Hope Community, Neighborhood Monte Cristo, in Florianópolis/SC, in the year 2007, when actions were taken related mainly to associations linked to crafts community and the debate on social technologies and social economy. The Project is to integrate the principles the residents the Community, promote sustainable development and social inclusion to improve the quality of life of people involved, generating employment and income. As a result of the general partnership shares offered by the University Extension Project, Community and Residents' Association took place a collective dream with the official foundation and, in general assembly, the COOPERARTE - Producers of Handicraft Association of the New Hope Community.

Keywords: Economy solidarity. Associations. Generation of employment and income.

Introdução

Este artigo apresenta algumas reflexões sobre as atividades desenvolvidas no Projeto de Extensão *Uma Comunidade Empreendedora e Cidadã*, realizadas na Comunidade Nova Esperança, Bairro Monte Cristo, em Florianópolis/SC, no ano de

2007, quando foram desenvolvidas ações ligadas, principalmente, ao associativismo vinculado ao artesanato comunitário, tendo por base o debate sobre tecnologias sociais, sustentabilidade e economia solidária.

As tecnologias sociais são elos que conectam conhecimentos e tecnologias locais, necessidades e soluções para problemas sociais, podendo servir como um instrumento enriquecedor do processo de aprendizagem para um modo de vida saudável e sustentado. O uso de tecnologias sociais, nesse sentido, pode promover a interação entre saberes, favorecendo a arte–educação, a educação ambiental, a cultura e o trabalho orientado para a melhor utilização dos recursos naturais disponíveis. Para Bava (2004), tecnologias sociais são técnicas e metodologias transformadoras, desenvolvidas na interação da população e que representam soluções para a inclusão social.

O Projeto teve como ponto de partida um sonho compartilhado com dez mulheres da Comunidade Nova Esperança e tem como princípios integrar os/as moradores/as, promover o desenvolvimento sustentável e a inclusão social buscando melhorar a qualidade de vida das pessoas envolvidas gerando trabalho e renda. As atividades iniciaram com reuniões na Comunidade cuja finalidade foi organizar as mulheres mobilizadas em formar uma associação de artesãs, vocação percebida como característica daquele coletivo. O grupo a partir desta convicção foi se concretizando como um espaço para a arte–educação integrando também jovens e crianças moradoras da Comunidade.

Além das reflexões sobre as tecnologias sociais como um dos pilares na construção coletiva dos objetivos deste Projeto, a questão da economia solidária aparece como fundamental para pensar-se a organização da associação num sistema de autogestão e num empreendimento no qual todas/os decidem em conjunto, beneficiando-se igualmente das conquistas e caminhos a percorrer.

Economia Solidária: princípio mobilizador das atividades do Projeto

A Economia Solidária é uma forma de organização das pessoas em torno do seu trabalho e dos benefícios que este pode produzir. Esta é uma prática de produção e consumo que privilegia o trabalho grupal, a autogestão, a justiça social e o desenvolvimento local sustentável e solidário. Conforme o Fórum Brasileiro de Economia Solidária, a

Economia Solidária é fruto da organização de trabalhadores e trabalhadoras na construção de novas práticas econômicas e sociais fundadas em relações de colaboração solidária, inspiradas por valores culturais que colocam o ser humano como sujeito e finalidade da atividade econômica, em vez da acumulação privada de riqueza em geral e de capital em particular.

O Brasil tem apresentado um crescimento concernente a iniciativas de Economia Solidária. Atualmente há pelo menos 20.000 empreendimentos solidários organizados na forma de autogestão, envolvendo praticamente 2 milhões de trabalhadores/as. Segundo o Fórum este crescimento se deve a inúmeros fatores, dos quais destacam:

1. Resistência dos/as trabalhadores/as à crescente exclusão, desemprego urbano e desocupação rural resultantes da expansão de uma globalização que torna cada vez mais as pessoas descartáveis para o funcionamento da máquina de produção e consumo. Esta resistência se manifesta como luta pela sobrevivência, na conformação de um mercado informal crescente, onde brotam iniciativas de economia popular e tantos outros empreendimentos normalmente voltados à reprodução da vida e de caráter individual ou familiar. Com a articulação de diversos atores, esta resistência também se manifesta na forma de iniciativas associativas e solidárias voltadas também à reprodução da vida, mas que vão além disso, apontando para alternativas estruturais de organização da economia, baseada em valores como a ética e a solidariedade e não mais no lucro.

2. No Brasil o crescimento da Economia Solidária enquanto movimento – ultrapassa a dimensão de iniciativas isoladas e fragmentadas no que diz respeito a sua inserção nas cadeias produtivas e nas articulações do seu entorno, e cada vez mais se direciona rumo a uma articulação nacional, configuração de redes locais e uma plataforma comum –, qualifica-se a partir das várias edições do Fórum Social Mundial, espaço privilegiado onde diferentes atores, entidades, iniciativas e empreendimentos puderam construir uma integração que desembocou na criação da Secretaria Nacional de Economia Solidária (SENAES).

Comunidade carente? Em que?

A Comunidade Nova Esperança, localiza-se na intersecção dos Bairros Monte Cristo e Capoeiras, em Florianópolis/SC. O Bairro Monte Cristo é formado por nove comunidades que compõe o “complexo Chico Mendes” onde moram aproximadamente dez mil famílias. Especificamente a Comunidade Nova Esperança agrega cerca de 72 famílias, grande parte delas oriundas do Movimento dos Sem Teto e da evasão do

campo numa migração ocorrida, principalmente, entre os anos 80 e 90. A maioria das famílias é composta em média por cinco pessoas, sendo 85% chefiadas por mulheres, muitas das quais constituindo-se em famílias monoparentais. A renda familiar é baixa e a maioria das pessoas exerce atividades informais e, quando empregadas, trabalham na construção civil ou em funções de serviços gerais.

Segundo Miguel e Fortes (2007), como se trata de uma população de periferia urbana e pobre, são classificadas pelas forças de segurança como uma região de “ponto vermelho”, ou seja, área de grande vulnerabilidade social e criminalidade. Essa população empobrecida, ao mesmo tempo em que é constantemente ameaçada pelo universo do tráfico de drogas, sofre represálias das forças policiais que a considera “perigosa” e sempre a qualifica como “suspeita” o que faz com que seus/suas moradores/as sejam constantemente discriminados/as. Nesta realidade muitos/as jovens sofrem as conseqüências da ociosidade improdutiva e da violência das gangues do narcotráfico, indiferentemente se fazem parte ou não dessas organizações. O preconceito a que estão submetidos/as os/as tornam muitas vezes invisíveis, ou como disse Soares (2005, p. 176), a invisibilidade também pode ser provocada pela indiferença,

Como a maioria de nós é indiferente aos miseráveis que se arrastam pelas esquinas feitos mortos-vivos, eles se tornam invisíveis, seres socialmente invisíveis. Também por conta de nossa negligência, muitos jovens pobres, especialmente os negros, transitam invisíveis pelas grandes cidades brasileiras.

A possibilidade colocada pela intervenção de projetos sociais e de extensão, por exemplo, nestas áreas periféricas da cidade, motivados por uma ação educativa reflexiva na busca da promoção da inclusão e do resgate da auto-estima, contribui na formação de uma consciência mais crítica acerca da realidade e dos direitos humanos, assim como, possibilita uma visibilidade aos/às seus/suas moradores/as.

A Comunidade Nova Esperança constitui-se nesse cenário. No entanto, como a sua formação é resultado de uma ação vitoriosa do Movimento dos Sem Teto, que culminou na conquista do espaço onde se situa a Comunidade, em sua história, a tentativa de escapar dos rótulos relacionados à criminalidade e a afirmação de uma origem mítica e comunitária marcam a sua origem.

Canella (2006) ao analisar a constituição desta Comunidade identifica três

momentos em sua história. O primeiro momento seria o da *conquista da casa e organização da comunidade (1989 – 1995)*. Com relação à noção de comunidade presente entre as lideranças e assessores, ressalta-se a idéia de união, o sentido político (a união em torno de um objetivo) e a negação do Estado. (CANELLA, 2006: 8-10). O segundo momento seria o de *desarticulação coletiva e privatização do cotidiano (1996 – 2002)*. Durante algum tempo a Comunidade permaneceu organizada sob a forma de comissões, dando prosseguimento à negociação tanto da infra-estrutura como das questões legais referentes à legalização de seus lotes. No entanto, gradualmente os espaços de organização comunitária foram se desarticulando, os moradores afastando-se das iniciativas coletivas em prol de uma maior atenção aos seus interesses particulares mais cotidianos e assistindo ao crescimento de problemas ligados à violência e criminalidade (CANELLA, 2000). Após uma década, em torno do ano 2000, houve lentamente uma retomada dos trabalhos na Comunidade Nova Esperança, o que aconteceu a partir de atividades de extensão da Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC. No entanto, os dois primeiros anos foram repletos de iniciativas infrutíferas no sentido de envolver a participação dos/as moradores/as, talvez por haver a expectativa de que com um pouco de estímulo e alguma assessoria voltariam a se articular como nos velhos tempos. O terceiro momento foi o da *reorganização comunitária e projetos socioeducativos (2003 – 2006)*. A partir de um novo entendimento acerca das novas condições vivenciadas pela Comunidade, fruto de um trabalho de antigos/as assessores/as de movimentos populares (velhos/as conhecidos/as da Comunidade) e bolsistas da UDESC, passou-se a um projeto mais integrador e menos voltado para a contestação política, ou mais na “lógica de cidadania” do que na “lógica dos movimentos sociais”.

Assim, a partir de 2003 difundiram-se diversas iniciativas esportivas, culturais e profissionalizantes na Comunidade, sob a forma de projetos de extensão universitária que tinham entre outros objetivos contribuir para a revitalização das atividades comunitárias e enfrentar a questão da vulnerabilidade social e precarização das condições de vida dessa população.

A questão da vulnerabilidade social indica uma dialógica possível relacionada tanto a aspectos negativos, como obstáculos e riscos para as comunidades, famílias e sujeitos; quanto a aspectos positivos, considerando as possibilidades, ou a importância de se identificar os recursos mobilizáveis nas estratégias de reconhecimento e

consciência na busca de uma ética mais humana.

Conforme discutem Castro e Abramovay (2002), a falta de alternativas de trabalho e lazer não é traço novo na vida de jovens de baixa renda no Brasil. O medo e a exposição à violência e a participação ativa em atos violentos e no tráfico de drogas seriam “marcas identitárias de uma geração, de um tempo no qual vidas jovens são ceifadas”. As possibilidades de jovens e crianças de comunidades empobrecidas, com poucas oportunidades de lazer, sujeitas a problemas ligados às violências e ao tráfico de drogas vivenciarem outras formas de utilização do tempo, ressignifica a importância de projetos sociais nestes locais.

As atividades desenvolvidas nesse Projeto de Extensão visaram no ano de 2007 a revitalização da casa comunitária e a organização da Associação de Artesãs com o objetivo de instrumentalizar as mulheres e os/as jovens para alternativas de geração de renda na perspectiva da economia solidária, entendido como “um jeito diferente de produzir, vender, comprar e trocar o que é preciso para viver, sem explorar ninguém, sem querer levar vantagem, sem destruir o ambiente. Cooperando, fortalecendo o grupo, sem patrão nem empregado, cada um pensando no bem de todos e no seu próprio bem” (SENAES).

Ao integrar atividades que já se realizavam na casa comunitária, este Projeto buscou utilizar, então, de tecnologias sociais e dos princípios da economia solidária para contribuir com a organização comunitária e a geração de renda, numa perspectiva cidadã. Estes pilares favoreceram uma nova conquista para a Comunidade que, além da retomada da “casinha” (como os/as moradores/as denominam a casa comunitária), pode significar a possibilidade da geração dos/as filhos/as ter acesso a cidadania e a inclusão social.

Assim, desenvolver um projeto em uma comunidade, como a Nova Esperança, organizada a partir do Movimento dos Sem Teto exige observar de onde se olha e qual(is) a(s) ideologia(s) impregna(m) este olhar. O mesmo acontece quando se fala e se faz referência a uma “comunidade carente”. Assim questiona-se qual o sentido da expressão “carente”?

Esta Comunidade carrega na sua história esses dois adjetivos: a de ter na sua gênese a luta pela ocupação da terra e o preconceito de algumas esferas da sociedade, por ser considerada um lugar periférico, perigoso e “carente” da cidade.

Por certo a Comunidade Nova Esperança vive a *margem* da sociedade

florianopolitana, mas, as vontades e desejos dos/as moradores/as se igualam a de outros grupos sociais. Não é a toa que um desses desejos é ter um trabalho, um emprego digno, estar incluído socialmente, dispondo dos direitos de cidadãos e cidadãs, e até mesmo a vontade de possuir bens de consumo como qualquer outro brasileiro de renda estável. Por isto, acredita-se que estas “carências” sejam as injustas faltas que as políticas públicas brasileiras insistem em manter como a má distribuição de renda, a falta de emprego e os sistemas de educação e saúde de pouca qualidade.

Paradoxalmente a esse processo de exclusão há a possibilidade do olhar transformador: assistencialismo versus desenvolvimento justo e sustentável. Olhar por essa perspectiva já provoca mudanças, já muda o sentido do que é olhado. Falar em “carência” é falar de faltas, falar de periferia é falar de segregados, de excluídos.

O foco muda quando se deixa de tratar as pessoas das camadas menos favorecidas como vítimas e passa-se a reconhecer o contexto e o que falta para que possam se desenvolver pessoal e economicamente como grupo. Ou seja, trata-se de exercitar um novo olhar, uma experiência de igualdade, dar um tratamento mais humano ao que aí está, pois se em última instância a “carência” existe, de fato ela é econômica, e não de sonhos, de desejos e de vontades.

Nos últimos tempos muito se perguntou e muito se fez a respeito da vontade de ver diminuída as diferenças sociais existente no Brasil. Mas ao observar as cidades nota-se sem dificuldades, que lado a lado convivem mansões com indivíduos dotados de cultura, bens de consumo e dinheiro, e casas precárias, vulneráveis a intempéries com pessoas necessitadas de bens materiais e culturais. A desigualdade social surge como protagonista na cena. Essa desigualdade muitas vezes se justifica e se alimenta no discurso midiático que mantém a idéia do “carente”, e não problematiza o fato de que muitas populações vivem à margem da econômica, não recebem financiamentos públicos ou privados e automaticamente têm acesso restrito aos serviços de saúde, educação e saneamento básico.

No caso da Comunidade Nova Esperança, as ações de extensão universitária, através da Universidade do Estado de Santa Catarina (que tem um papel importante no campo da troca de saberes, por ser um espaço de produção de conhecimento), alimentaram uma semente: a do sonho das mulheres outrora sem teto e sem trabalho, de formar uma associação de produtoras de artesanato.

Dando corpo a esse sonho e regando essa semente tudo começou. Construir um caminho foi o ideal e daí em diante foram organizadas e sistematizadas reuniões em prol

da formalização da associação de artesanato ou da “cooperativa” como as artesãs preferem chamar. A partir de então, o trabalho desenvolvido na Comunidade pode ser dividido em dois importantes momentos, destacados conforme suas peculiaridades.

Num primeiro momento, mais especificamente entre os meses de março a junho de 2007, nas reuniões semanais iniciou-se um processo de discussão de temas relacionados ao associativismo, desenvolvimento sustentado, tecnologias sociais e economia solidária, ao mesmo tempo em que se identificou uma série de desafios a serem superados, entre eles a falta de uma sede própria para a “cooperativa”. Como as reuniões aconteciam na casa comunitária, que na época era totalmente depedrada, em condições precárias, não possuía lâmpadas, nem portas, nem janelas, decidiu-se que o melhor seria continuar com as reuniões naquele local e fazer algo para melhorar as condições da casa, retomando-a para o desenvolvimento de atividades educativas, culturais e sociais.

Nesse sentido, a Associação dos Moradores da Comunidade Nova Esperança em parceria com o Projeto e com o grupo de mulheres artesãs, cedeu um espaço na casa para abrigar a sede da “cooperativa”, fator que mobilizou ainda mais o grupo. Concomitantemente outros objetivos eram traçados: formalizar a associação das artesãs, apropriar-se de novas tecnologias sociais e métodos de trabalho com uma preocupação ecológica sempre vinculando o interesse particular ao interesse coletivo.

Deste modo, muito foi discutido a respeito de qual seria o melhor caminho a seguir e concluiu-se que a mobilização solidária poderia dar um bom resultado. A partir daí se organizou dois eventos na Comunidade. Um para confraternizar e comemorar o Dia das Mães que ficou conhecido como o “Almoço das Mães” e teve a participação especial do Grupo Teatral Árvore Sagrada¹ que proporcionou intervenções teatrais, roda de capoeira, batuques e sambas de roda. E uma Festa Junina que novamente contou com o Grupo Árvore Sagrada e na qual foi organizado um bingo para adultos e brincadeiras para as crianças. O resultado dessas mobilizações foi um fundo monetário que permitiu uma pequena reforma na parte térrea da casa comunitária e possibilitou abrigar a sede da associação das artesãs com um atelier de trabalho, organizado com algumas máquinas de costura de uso particular, materiais comprados coletivamente e materiais reaproveitados (tecidos e napas).

Este intento, embora pareça pequeno, foi considerado um grande ganho pela

1. Ver mais a respeito no site <http://www.arvoresagrada.com.br>

Comunidade que retomou a “casinha” para as atividades sócio-educativas. A avaliação dessas mobilizações foi bastante positiva, porque longe da política partidária e por meio da organização popular solidária foi se construindo um caminho mais sólido na realização do sonho daquele grupo de mulheres que teve como primeiros avanços concretos à própria melhoria da infra-estrutura da casa comunitária.

Conjuntamente com estas atividades foi realizado um curso de customização de roupas na própria casa comunitária ou agora sede da “cooperativa”. Somando nesses esforços, o Centro de Artes – CEART, da Universidade do Estado de Santa Catarina desenvolveu um curso de corte e costura que contou com a participação de duas mulheres artesãs que se tornaram monitoras repassando os novos conhecimentos às demais integrantes do grupo. Como consequência a realidade começou a mudar. Já não era mais a falta de portas e iluminação na “casinha” que incomodava, já não era mais a falta de uma sede própria que impedia o desenvolvimento da “cooperativa”, agora já eram outros os desafios a serem superados. Era chegada a hora de começar a trabalhar na produção de artesanatos e lançar-se na confecção de produtos que gerassem renda.

O segundo momento de destaque do Projeto, que se desenrolou a partir do segundo semestre de 2007, refere-se às ações de arte-educação promovidas com as crianças da Comunidade e a fundação da COOPERARTE – Associação das Produtoras de Artesanato da Comunidade Nova Esperança, no mês de novembro.

Ao ensinar arte e artesanato aos pequenos, acreditava-se que essa iniciativa pudesse criar mensagens educativas e lúdicas para a formação de futuros cidadãos. Assim, foram desenvolvidos trabalhos com música, dança e teatro, ainda não como o desejado, mas com o que foi possível. Neste sentido, foram realizadas atividades de confecção de brinquedos com materiais reciclados – uma Maricota² – atividades de desenho e pintura, capoeira e teatro, com a finalidade de que as crianças experimentassem o espírito artesão. Nesse período foi dado início a pintura (com tinta artesanal) do interior da casa, atividade na qual as crianças tiveram papel fundamental colaborando na elaboração de painéis decorativos.

Percebe-se que os talentos são ocultados quando as questões sociais são tratadas de forma dicotomizada. Viu-se que a vontade de trabalhar e o desejo de crescimento pessoal e cultural, somados a um sonho coletivo tem um poder transformador que só não se consolida mais rapidamente devido às dificuldades econômicas, aliadas aos

² Personagem do Boi-de-Mamão (folclore catarinense) que representa uma mulher muito enfeitada, com três metros de altura, um pouco desajeitada no trato.

recursos públicos mal divididos, que impedem uma série de ações prioritárias.

A reforma da parte térrea da casa permitiu o funcionamento do atelier e conseqüentemente a sistematização da produção artesanal – customização de roupas, confecção de bolsas permanentes para compras em supermercado, tapetes de crochê e panos de pratos – dentro de um programa de metas estabelecido pelo próprio grupo das mulheres artesãs. A partir de então a auto-estima do grupo tem se elevado e aglomerado, ainda mais, a crença no sonho.

É interessante perceber como as coisas acontecem e como as oportunidades precisam ser consideradas pois os obstáculos precisam ser vencidos e os problemas ultrapassados. Assim aconteceu quando o Grupo Teatral Árvore Sagrada fez uma proposta ao grupo de artesãs: confeccionar o figurino do espetáculo musical que estavam ensaiando e que estrearia em um mês no Teatro Álvaro de Carvalho. A euforia tomou conta do grupo. Será que teriam condições de fazer roupas para as vinte e três pessoas do Grupo? Teriam pernas para caminhar tão longe em tão pouco tempo? Essas e outras indagações povoaram o imaginário das mulheres naquele momento. A proposta foi aceita e no prazo previsto a encomenda foi entregue. As mulheres assistiram a estréia do espetáculo e emocionaram-se com a casa lotada que também admirava a sua produção. Orgulho que só elas conseguem traduzir.

Mas o trabalho não parou por aí. Muito pelo contrário, era agora que começava. No atelier a produção já tinha uma meta e novos rumos começavam a surgir. E “carência” nenhuma impediria o caminho do tão desejado sonho. Pelo consenso do grupo se decidiu investir na qualificação das mulheres artesãs e escrever um projeto que arrecadasse fundos, principalmente para a manutenção integral da casa comunitária. O projeto intitulado *Educação, cidadania e geração de renda: novas perspectivas para a organização numa comunidade de periferia urbana* foi elaborado a partir do Edital PROEXT/2007 do Ministério da Educação – MEC/Secretaria de Educação Superior – SESu/Departamento de Modernização e Programas da Educação Superior – DEPEM/Programa de Apoio à Extensão Universitária. Como foi contemplado, este projeto oportunizará no ano de 2008 a organização de um atelier profissional, a compra de máquinas de costura, materiais de trabalho e capacitação das artesãs, além de manter as oficinas de arte–educação com as crianças e orientação profissional com os/as jovens.

Como resultado geral das ações desenvolvidas na parceria deste Projeto de Extensão com as mulheres artesãs e a Associação dos Moradores da Comunidade Nova Esperança concretizou-se uma parte do sonho com a oficialização do estatuto social e a

fundação, em assembléia geral, da COOPERARTE – Associação das Produtoras de Artesanato da Comunidade Nova Esperança.

Considerações finais

Além do esforço em buscar inclusão social e principalmente gerar trabalho e renda na Comunidade, concluiu-se que é de extrema importância que as Instituições de Ensino Superior mantenham e expandam ações extensionistas visando novas propostas desta natureza. Este Projeto, por meio de ações comunitárias e solidárias permitiu a estruturação de uma Associação e um atelier de artesanato que garantiu uma base fixa de trabalho e elevação da auto-estima de um grupo de mulheres, proporcionando uma experiência associativista, bem como a arte-educação como uma formação continuada de expansão cultural para os/as jovens e as crianças.

É importância ressaltar que a utilização do atelier como um espaço na Comunidade para fins de qualificação profissional, trabalho e arte-educação, tem proporcionado atividades que visam melhorar a qualidade de vida das pessoas e de certo modo vem possibilitando a criação de um espaço livre para a sociabilidade, lazer e educação.

A COOPERARTE tem se caracterizado como um espaço *autônomo* de trabalho, geração de renda e educação. Se o sonho ainda não foi completamente alcançado ao menos ele tem uma direção pois se acredita que quando se sonha junto o sonho se torna realidade. Tem-se consciência de que muito trabalho ainda está por vir. Os resultados já começaram a aparecer com a aprovação do projeto pelo MEC/SESu/DEPEM e com duas premiações que o Projeto Extensão Uma Comunidade Empreendedora e Cidadã recebeu da Universidade do Estado de Santa Catarina, uma como melhor projeto da Área Temática Educação e outro como Melhor Projeto de Extensão do Centro de Ciências Humanas e da Educação – FAED, no III Encontro de Extensão da UDESC em 2007.

Certamente o associativismo está na perspectiva das várias possibilidades de êxito social encontradas no Brasil. Acredita-se que um futuro nos espera sempre ativos para a produção de conhecimentos e métodos de trabalho, apropriando tecnologias sociais com a capacidade de implementar soluções para determinados problemas, e que a COOPERARTE - Associação das Produtoras de Artesanato da Comunidade Nova Esperança, fundada no espírito da economia solidária e no desenvolvimento local

sustentável, será cada vez mais um espaço criativo e autônomo de realização profissional e pessoal.

Referências

BAVA, Silvio Caccia. **Tecnologia Social: uma estratégia para o desenvolvimento**. Rio de Janeiro: Fundação Banco do Brasil, 2004.

CANELLA, Francisco. **O Que Faz da Nova Esperança Uma Comunidade?** Trabalho Final da Disciplina Metodologia II. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2006.

_____. Novas e velhas esperanças de uma comunidade em Florianópolis. **Travessia: Revista do Migrante**. São Paulo, nº 38, p.18–22, set-dez. 2000.

CASTRO, Mary Garcia; ABRAMOVAY, Miriam. Jovens em situação de pobreza, vulnerabilidades sociais e violências. **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo, n. 116, 2002.

FÓRUM BRASILEIRO DE ECONOMIA SOLIDÁRIA. Disponível em: <<http://www.fbes.org.br>>. Acesso em: 10 abr. 2008.

MIGUEL, Denise Soares e FORTES, Priscila Rodrigues. Tecnologia e Educação: transformando informação em conhecimento. **Revista UDESC em Ação: extensão, cultura e comunidade**. Florianópolis, vol. 1, nº 1, 2007.

SECRETARIA NACIONAL DE ECONOMIA SOLIDÁRIA. Disponível em: <http://www.mte.gov.br>>. Acesso em: 10 abr. 2008.

SOARES, Luiz Eduardo; BILL, MV; ATHAYDE, Celso. **Cabeça de Porco**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.